

Discutir política de saúde ou a medicina?

A redação do **CORREIO BRAZILIENSE** sediou, na manhã de ontem, debate que, na realidade, deveria estar ocorrendo no seio da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Afinal, segundo senso comum entre os debatedores, "a Conferência, se por um lado cresceu por ter-se ampliado, democraticamente; por outro, vem-se perdendo na discussão da política de saúde do Governo brasileiro, deixando de lado a discussão básica: o próprio conceito de Medicina".

Luiz Gonzaga Scortecchi, um dos onze debatedores reunidos pelo **CORREIO**, afirma que para os organizadores da 8ª Conferência, "Medicina é Medicina e este conceito não está em questão". E "além de só se preocupar com o plano político da política de saúde, constatamos que as teses já vieram prontas, acabadas, prestabelecidas".

Além de Scortecchi, 36 anos, que é diretor de planejamento do recém-criado Instituto de Tecnologias Alternativas do Governo do Distrito Federal, o debate sobre planejamento e desempenho da 8ª Conferência Nacional de Saúde reuniu James Brochhausen, 38 anos, difusor de tecnologias alternativas; Fabrício Pedroza, 43 anos, arquiteto e consultor da ONU; Dagoberto Sérvulo de Oliveira, 46 anos, diretor-executivo da Organização das Cooperativas do DF; Fernando Lemos, 37 anos, um dos idealizadores do Instituto de Tecnologia Alternativa; Tupany Americano do Brasil, 54 anos, médico e coordenador de Medicinas Alternativas do Ministério da Previdência; Inácio Republicano, 47 anos, médico e membro da Comissão da Reforma do Sistema de Saúde do GDF e Fernando Batinga, 42 anos, secretário de Serviços Médicos do Ministério da Previdência (tódos de Brasília). Este grupo somou-se aos baianos

Fernando Hoiesel, 36 anos, médico com importante atuação em medicina alternativa no município de Camaçari, e Angela Bastos, sanitarista em Salvador, e ao paulista Domingos Antônio Stmato, médico e psicoterapeuta.

Aqui, publicamos alguns trechos da conversa que durou três horas e será, oportunamente, divulgada, pelo jornal.

— A medicina alternativa continua marginalizada no tomário de debates da Conferência. A única conquista concreta, é que conseguimos incluí-la entre os 22 temas que permanecerão em debate, até outubro, quando serão, então, encaminhados como subsídio aos Constituintes.

— Nos grupos de trabalho que se reúnem, à tarde, diariamente, na 8ª Conferência, a discussão restringe-se à pauta preestabelecida pelos organizadores do encontro. Mesmo que o Sérgio Arouca, da FioCruz (Fundação Oswaldo Cruz) seja uma pessoa de visão aberta, e que a Conferência, graças aos novos tempos, tenha se democratizado em termos de participação popular, o mesmo não aconteceu no seu funcionamento diário, porque ela é dominada por visão que impõe a discussão da política nacional de saúde e não se preocupa em questionar a própria Medicina.

— A Conferência parte de idéias preconcebidas, das quais, em muitos pontos, alguns de nós discordamos. Por exemplo: "Saúde é dever do Estado". Há quem não acredite neste slogan e entenda que "Saúde é dever do cidadão". Como um Estado que permite que a indústria farmacêutica despeje milhares de drogas sobre as pessoas e investe na doença, pode cuidar da saúde integral dos cidadãos?

— O ímpeto de modernização

Sarney apoiou a tese: Saúde é direito do cidadão e dever do Estado

das sociedades tem provocado males imensuráveis. Em tribos africanas que viviam em casas de terra batida e teto de palha, e de repente, foram transferidas para casas de chão de cimento e teto de zinco, o índice de doenças aumentou. E por quê? Porque as crianças urinam no chão e o cimento não permite que esta urina seja absorvida. O problema se agrava com o teto de zinco, que, ao contrário da palha, não absorve o calor. O que o mundo moderno tem nos mostrado, é que, quanto mais se sofisticam a medicina, mais se sofisticam as doenças.

— Vivemos numa sociedade que investe na doença e não na Saúde. Há, na TV, um comercial do Epatoviz que manda o cara ficar doente, ou seja, comer muito e comer coisas que são nocivas à saúde. No fundo, o comercial diz: coma até sentir-se mal. Quando ficar doente, tome Epatoviz. Um País que permite tal publicidade está investindo na indústria da doença e não na saúde.

— Uma das vantagens da 8ª Conferência é que ela conseguiu se ver livre do suborno da indústria farmacêutica. Não temos que nos constranger em ver certos profissionais recebendo drogas distribuídas pelos laboratórios, em quantidades abusivas. Felizmente, os donos da indústria da doença não estão aqui.

— A China, um país de milhões de habitantes, consegue manter sua população com medicamentos gerados de acordo com sua tradição cultural, e sem gastar importando drogas do exterior. No Brasil, que tem

flora medicinal mais rica que a chinesa (pois temos a Floresta Amazônica), a situação é calamitosa e o País chega a importar cinco bilhões de dólares em drogas. Temos uma indústria poderosíssima que investe na doença, sem que nada seja feito para coibi-la.

— A universidade precisa, com urgência, de abrir espaço para a pesquisa das riquezas de nossa flora medicinal. E tudo deve começar pela base, ou seja, ouvindo as pessoas que conhecem, realmente, as ervas, como o índio Sapaim, por exemplo. Muitos de nós participaram de encontro sobre a flora medicinal brasileira, promovido, ano passado, pela Ceme (Central de Medicamentos) e vimos que a orientação era equivocada, pois não tinha coragem de sustentar-se no conhecimento de quem realmente conhece as ervas, como os índios. Das 28 ervas escolhidas para estudo, pela Ceme, estava o capim santo, que pensavam ser um calmante. A pesquisa mostrou que não era. Os pesquisadores não teriam partido de premissa falsa, se tivessem consultado os verdadeiros conhecedores da planta. Nenhum deles, em sua prática cotidiana, receita capim santo como calmante.

— A Alemanha tem estatísticas de que em cada três habitantes, um morre de câncer. E por que isto acontece? Porque a Alemanha é um dos maiores consumidores de medicamento do mundo. Hoje, para tentar inverter este quadro, o Partido Verde ganha força e cresce em sua pregação contra a indústria

da doença, a alimentação envenenada por agrotóxicos. Um país que sustenta sua alimentação nos refinados (açúcar, sal e farinha brancos) não pode gerar homens saudáveis. E nós, brasileiros, até quando vamos conviver com a impunidade? Como podemos deixar que a TV diga para uma mãe que seu produto vem direto da horta. Não é verdade. Suas sopas enlatadas estão cheias de aditivos.

— O consumidor brasileiro deve aproveitar este momento em que se vê na condição de "fiscal do Presidente" para fiscalizar, além dos preços, a qualidade do que ele come. É preciso pagar menos, da mesma forma que é preciso saber o que os fabricantes de alimentos enlatam e encaixam, cotidianamente.

— O Instituto de Tecnologia Alternativas do Governo do DF encara o homem como um ser integral. Por isto, preocupa-se em buscar tecnologias simples e condizentes com a tradição cultural do homem brasileiro, em educar o cidadão, no sentido de que ele compreenda que não deve obedecer a um Estado que, subliminarmente, lhe diz para comer alimento envenenado e conviver com o stress, pois quando ficar doente, terá a seu dispor uma indústria médica para zelar por ele. Não concordamos com esta visão. Para nós, o importante é educar o homem, no sentido de que ele se alimente bem, evite o stress, procure ter moradia adequada. E na educação do cidadão, para que ele seja o sujeito de seu processo existencial, que nós vamos investir.

